





Copyrighted image



Copyrighted image

Capa

Folha de rosto

Ilustrações

Créditos

Dedicatória

Sumário

Introdução: Encantadoras

As glitterati

Jeanne de Saint Rémy

Cassie Chadwick

Wang Ti

As videntes

As Espiritualistas

Fu Futtam

Rose Marks

As fabulistas

As Anastásias

Roxie Ann Rice

As Tragediennes

Bonny Lee Bakley

As fugitivas

Lauretta J. Williams

Margaret Lydia Burton

Sante Kimes

Conclusão: Confiante

Agradecimentos

Notas



[ 1977, O DAILY NEWS DE NOVA YORK PUBLICOU UM ARTIGO SOBRE uma golpista linda e jovem chamada Barbara St. James. (Pelo menos, esse era um dos nomes que ela usava.) “Se conhecê-la, você vai gostar dela”, dizia o texto. “Ela vai convencê-lo a falar sobre sua história de vida, preocupações e conquistas. Parece abastada, uma mulher de importância e classe. Esbanja sinceridade.”

*Parece* era a segunda palavra mais importante do parágrafo, mas a primeira era *gostar*. *Você vai gostar dela*. A história de vida da bela Barbara já foi esquecida há muito tempo, mas a frase poderia ser usada para descrever quase todas as golpistas que existiram antes e depois. *Se conhecê-la, você vai gostar dela*. O carisma de uma golpista é sua ferramenta mais importante, certa como a faca de um chef e falsa como uma máscara de teatro. Sem carisma, ela não seria nada. Se gostar dela — e *você vai gostar* —, o trabalho dela ficará muito mais fácil. Acabará depressa. Você nem vai perceber.

O fato de gostarmos de golpistas é provavelmente o maior golpe de todos os tempos. Como elas conseguem, essas criminosas, criar um mundo no qual as chamamos de “artistas da enganação” enquanto outras criminosas são simplesmente chamadas de “ladra” e “traficante”? Por que chamamos seus crimes de “truques” como se fálássemos de uma criança travessa? Quando jornalistas, advogados e amantes falaram sobre as mulheres deste livro, pareciam rememorar a imagem de uma artista brilhante que, infelizmente, perdeu o jeito. “Ela teria sido um ser humano incrível se tivesse sido bem orientada e recebido uma educação de qualidade”, escreveu um jornalista sobre certa golpista canadense. O irmão de uma golpista britânica insistiu que, se não fosse por uma



“infeliz peculiaridade” em sua personalidade, “ela seria uma pessoa muito, muito maravilhosa. Na verdade, ela ainda assim é uma pessoa maravilhosa”. O amante de uma golpista francesa alegou: “Sem consciência do perigo, eu admirava esse espírito corajoso, que não se deixa abalar por nada”. O cunhado de uma golpista norte-americana declarou: “Ela é uma das pessoas mais gentis que já conheci”.

Não há por que negar: as mulheres deste livro são extremamente encantadoras. A maioria seria uma companhia de bar fantástica. Muitas tinham extremo bom gosto para moda. As bolsas de grife! Os *casacos de pele*! Algumas sabiam fazer sotaques divertidos, outras previam o futuro das pessoas. Uma dirigia um carro cor-de-rosa e outra tinha uma placa de trânsito na qual se lia 1RSKTKR [*Number 1 Risk Taker*, que significa Número 1 em Correr Riscos]. As mais perigosas tinham o hábito de distribuir notas de cem dólares só porque estava a fim. Esplêndido! Sim, seria divertido conhecê-las, desde que você caísse na graça delas. Mas a pergunta é: por que nos sentimos tão à vontade em admirá-las? Ninguém pode sair por aí clamando que a cunhada assassina em série é “uma pessoa muito, muito maravilhosa” e um “espírito corajoso, que não se deixa abalar por nada”, mas a internet está lotada de artigos como “Por que somos tão obcecados por trapaceiras” e “Como se fantasiar de sua golpista favorita no Halloween”.

Uma explicação simples para essa adulação toda é que golpistas são criminosas conhecidas por não serem violentas. Raramente se vê uma com a cabeça de alguém no freezer. As vítimas quase nunca acabam mortas. Quase! O que torna a questão absurdamente conveniente para nós, porque podemos reduzir essas vítimas a idiotas-ingênuos-que-saíram-praticamente-ilesos e focar nossa bajulação naquilo que torna essas artistas — quer dizer, criminosas — tão *fabulosas*.

Mas talvez haja um motivo mais sombrio para celebrarmos essas mulheres: lá no fundo, nós queremos *ser* elas. A maioria das pessoas, em especial mulheres, passa a vida presa entre milhares de barreiras sociais. Por meio de alguma alquimia misteriosa de talento e criminalidade, a golpista é a figura que rompe essas barreiras, como Houdini escapando de uma de suas famosas camisas de força suspensas. Uma golpista não sente necessidade de usar o número de identidade verdadeiro, manter o



nome de batismo ou cadastrar a cor verdadeira dos olhos na carteira de motorista. Ela não se importa em falsificar. Não teme um pouquinho de bigamia. Sairá de um estacionamento com um carro chique ou roubará um colar de 647 diamantes sem se importar com quem vai pagar o preço por seus crimes. E por mais que as pessoas adorem transformar essa mulher em metáfora — para empreendedorismo, para falcatrúia capitalista, para o Sonho Americano, para os próprios Estados Unidos, para o Diabo ou, simplesmente, para a vida levemente dissimulada da mulher comum —, ela não dá a mínima para essas figuras de linguagem. A única pessoa a quem a golpista responde é a si. Esse egoísmo nu e cru não é chocante? E não parece meio delicioso?

É tentador pensar que *poderíamos* ser essa mulher... se fôssemos melhores em imitar sotaques e tivéssemos algumas perucas e nos entregássemos por completo à satisfação de nossos desejos sociais mais básicos: status, poder, prestígio, dinheiro, admiração, controle. Embora possam parecer crassos, esses desejos são inerentes à nossa natureza. Um recente estudo psicológico descobriu que as pessoas almejam uma posição social elevada não apenas para satisfazer uma necessidade latente de pertencimento, mas porque isso traz uma sensação de controle, maior autoestima e benefícios até para a reprodução. (Até os animais querem ser importantes. Um estudo de 2016 sobre fêmeas de macacos-rhesus demonstrou que o sistema imunológico delas melhorava quando ascendiam socialmente.) A maioria de nós satisfaz esses desejos de maneiras tímidas; a diferença é que nossos golpes minúsculos e deprimentes nunca vão parar nos jornais. Nós nos reinventamos no Ano-Novo, editamos nossas histórias de vida para parecer mais interessantes e tentamos com todas as forças ser carismáticos — quando isso nos beneficia. Mas raramente nos permitimos ir até o fim, seja por ética, pressão social ou pelo bom e velho desejo de não ser preso. Quando lemos sobre essas golpistas sendo celebradas, é tentador nos colocar não no lugar da vítima (somos espertos demais para isso, pensamos), mas no delas. E se agíssemos assim? E se pudéssemos ser encantadoras assim? E se mandássemos para longe a ética, a sociedade e a responsabilidade coletiva e nos permitíssemos... *a satisfação?*



Mas jamais poderíamos agir como elas. Há muitas coisas no nosso caminho. Muitas regras para seguir. Muitos contratos sociais a serem cumpridos. De modo geral, tudo isso é bom, seguir e cumprir... é até bonito, mesmo que seja compreensível reprimir um suspiro de decepção ao chegar a essa conclusão. E talvez seja tão fácil para essas golpistas nos convencerem a gostar delas. Elas precisam se valer do charme, é evidente, mas estamos ali, esperando por isso boquiabertos e com os olhos brilhando. Enquanto ela faz seu show, nós pensamos “que ser humano incrível” e “que pessoa muito, muito maravilhosa” e “e se, e se, e se?”. Essa mulher nos coloca exatamente onde quer. E está prestes a nos fazer uma proposta irrecusável.

1756-1791

J

Copyrighted image

Copyrighted image

Copyrighted image

I

Copyrighted image

■

▱

Copyrighted image

*pseudônimo:*  
**Condessa de La Motte**



A UMA VEZ UM REI DA FRANÇA QUE DECIDIU COMPRAR PARA SUA amante o colar de diamantes mais bonito do mundo.

Foi em 1772. O rei era o tímido e sem jeito Luís XV, e sua amante era Madame du Barry, cujas bochechas coradas e o colo de pele branca como leite eram lendários. Ela precisava de um colar digno de sua beleza, então os joalheiros da realeza foram ao trabalho, buscando diamantes em países tão distantes quanto Rússia e Brasil. O resultado, com seus 647 diamantes somando 2.800 quilates, ficou estupendo e um pouco agourento. A joia foi desenhada para envolver o pescoço e descer suavemente pelo busto, com tiras de diamantes derramando-se pela nuca. Havia alguns frívolos lacinhos azuis distribuídos pelo colar, que não foram suficientes para suavizar aquele efeito impressionante. O estilo foi chamado de *collier d'esclavage*: um “colar de escravo”.

Deveria ter sido a joia mais cobiçada do mundo, mas Madame du Barry nunca teve a oportunidade de experimentá-la. Antes que conseguisse desembolsar as 2 milhões de libras francesas necessárias para comprá-la — mais de 17 milhões de dólares na cotação atual —, Luís XV morreu de varíola, deixando a amada sem esse mimo e os joalheiros apavorados sem um tostão. Durante um tempo, os joalheiros se arrastaram pela Europa, balançando o colar sob vários narizes reais, mas ninguém se encantou por seu brilho malicioso, e, mesmo que se encantasse, essa pessoa não poderia pagar.

Então os joalheiros voltaram para casa a fim de tentar uma última opção. Havia uma moça nova na cidade. Uma jovem rainha da Áustria, famosa por seu pescoço elegante. Ela era conhecida por ser bem frívola, obcecada por qualquer coisa que brilhasse. Talvez se interessasse pela joia. Afinal, que mulher não gostaria de colocar as mãos em algo tão... precioso?





Dezesseis anos antes, uma menininha obstinada nasceu em um mundo sem diamantes. Seu pai era alcoólatra, sua mãe lhe dava surras com gravetos e sua família havia torrado toda sua patética fortuna gerações antes. Mas o nome dela! O nome dela era Jeanne de Saint-Rémy, orgulhosa descendente da Casa de Valois, e esse nome significava *tudo* para ela. O pai de Jeanne era, teoricamente, o tataraneto de Henrique II, regente da França em meados dos anos 1500 como o décimo rei da Casa dos Valois — no entanto, era um tataraneto ilegítimo, descendente da amante de Henrique II, e por mais que seus antecessores tivessem recebido *alguns* favores da realeza, os descendentes sofreram. Por gerações, os antecessores bastardos de Jeanne tinham vivido como ladrões e caçadores ilegais em um terreno rural dilapidado nos arredores da vila Bar-sur-Aube, em Champagne. Aos poucos, a maioria de suas terras foi vendida para pagar vários débitos, e quando enfim Jeanne e seus três irmãos nasceram, não havia sequer uma pedrinha brilhante dos Valois para contar história. Na verdade, as crianças eram tão magras e selvagens que os moradores locais achavam difícil até olhar para elas. Havia um burquinho na parede do barraco em que moravam por onde as pessoas enfiavam a comida que lhes alimentava, tudo para não precisar olhar para seus rostos famintos.

Mas Jeanne cresceu acreditando que havia dinheiro dos Valois esperando por ela nas coxias, desde que conseguisse convencer alguém importante a escutá-la. Com seus próprios jeitinhos venenosos, os pais incentivavam essa fantasia. Quando as dívidas ficaram graves demais, a família inteira fugiu para Paris, onde a mãe de Jeanne forçou-a a mendigar, espancando-a cruelmente quando ela não voltava para casa com dinheiro o suficiente. Jeanne vagava pelas ruas gritando: “Tenham piedade de uma pobre órfã com sangue dos Valois!”. Em Paris, o pai morreu em virtude do alcoolismo, e Jeanne alega que as últimas palavras dele para ela incluíam a exortação: “Independentemente de qualquer desventura, eu imploro que se lembre de que é uma VALOIS!”.

Quando ela tinha oito anos, o grito chegou aos ouvidos de uma dama generosa chamada Marquesa de Boulainvillier, que colocou Jeanne e os



irmãos sob sua asa, limpou atrás de suas orelhas e os mandou para um internato. (A essa altura, a mãe de Jeanne tinha fugido com outro homem.) A marquesa conseguiu até autenticar a linhagem Valois das crianças e descolou uma pequena pensão real para elas, o equivalente a 8 mil dólares por ano hoje em dia. Deveria ter sido uma grande coisa para Jeanne — o verdadeiro reconhecimento de que ela era quem alegava ser —, mas a ambiciosa menina ficou quase que ofendida com o gesto. Ela queria dinheiro de verdade. Queria as terras dos Valois de volta. Queria que as pessoas a olhassem com admiração.

Apesar de a França estar desmoronando internamente — investindo dinheiro a rodo na Revolução Americana para desestabilizar o inimigo inglês e a apenas uma década do banho de sangue de sua própria insurreição —, a classe alta do país ainda tinha glamour o bastante para deslumbrar até a jovem mais sensata. No centro de todo esse glamour estava a jovem rainha Maria Antonieta, que gastava valores descaradamente acima do orçamento em roupas, usava enormes penteados esculpidos, mantinha seu próprio *chocolatier* de plantão e contratara alguém para garantir que os cômodos do palácio estivessem sempre cheios de flores frescas. Com uma rainha dessas, quem não iria querer um pouco de glamour para si mesma? Todos no país lutavam para ter mais, pisando sem o menor pudor na cabeça de quem estivesse abaixo nem que fosse para se erguer mais meio centímetro. E ninguém naquele país faminto e desesperado queria subir mais alto do que Jeanne.



Charles Boehmer estava rodeado por tantos diamantes que queria se matar.

Ele e seu parceiro de negócios, Paul Bassenge, eram os joalheiros da realeza que haviam idealizado o colar de 647 diamantes que, no fim das contas, se provou o pior erro de sua carreira. Aquele troço estava amaldiçoado. Amaldiçoado! Os dois tinham passado os últimos dez anos implorando para que Maria Antonieta tirasse o colar de suas mãos, e a rainha até então não demonstrara qualquer interesse pela joia. Em certo ponto, Boehmer se jogou aos pés dela e falou, aos soluços, que se ela não



comprasse o colar, ele se jogaria no rio. A rainha respondeu calmamente que, com certeza, não se sentiria responsável por sua morte.

Devia ter ficado evidente para Boehmer que ele estava dando murro em ponta de faca. Maria Antonieta quase nunca usava colares, que desviavam a atenção da simplicidade graciosa de seu longo pescoço. Mas Boehmer estava afundado demais em dívidas para pensar em estética. Ele e Bassenge tinham apostado todo seu sustento naquela joia, e para quê? Era como um fardo pendurado em seu pescoço. Temiam ter que carregá-lo para sempre.

Enquanto os joalheiros reais arrancavam os cabelos, Jeanne tinha 23 anos e sonhava com um futuro grandioso. Apesar da extrema generosidade da marquesa, Jeanne começava a se cansar de sua supervisão. A marquesa não parava de tentar transformá-la em uma trabalhadora — costureira, talvez? — gentil e bem-comportada, mas Jeanne ficava ofendidíssima com a sugestão de se tornar qualquer coisa menos do que a maior dama de todos os tempos. Finalmente, depois de muito sofrimento, a marquesa mandou Jeanne e a irmã para um convento, talvez encorajada pela suspeita de que Jeanne andava seduzindo seu marido. Como era de se esperar, Jeanne não tinha qualquer interesse em devotar a vida à pobreza, à castidade e à caridade e, no outono de 1779, ela já estava farta de freiras. Com alguns trocados nos bolsos, ela e a irmã escaparam do convento e correram de volta para a terra natal, torcendo para impressionar os locais que se lembravam delas apenas como duas pivetinhas mortas de fome.

A volta de Jeanne não foi o espetáculo com o qual ela sonhara. Alguns moradores da cidade pensaram que ela meio lunática, inclusive a mulher que a hospedou, que a chamava de “demônio”. (O fato de que Jeanne estava seduzindo o marido *dela* também não ajudava.) Mas outras pessoas caíram em seus encantos. Dentre todas suas alarmantes qualidades, Jeanne tinha três características marcantes: o sorriso, os olhos brilhantes e o poder de persuasão. Ela não recebera muita instrução, mas contava com uma compreensão instintiva do funcionamento da sociedade e não tinha medo de quebrar regras quando lhe eram inconvenientes. “Sem consciência do perigo, eu admirava esse espírito corajoso, que não se deixa abalar por nada”, escreveu um jovem advogado chamado Jacques



Beugnot, que se apaixonou perdidamente por ela. Beugnot achava encantador que Jeanne “contrastasse de maneira tão curiosa com a personalidade tímida e limitada das outras damas da cidade”.

Jeanne se interessava por Beugnot mais por seu auxílio jurídico do que por seu amor, pensando que ele poderia ajudá-la a recuperar a fortuna dos Valois. Ela buscou amor em outro lugar, e, aos 24 anos, conheceu outro homem: um oficial do exército sem talento chamado Antoine de La Motte. Quando ela engravidou, casaram-se às pressas para salvar a reputação de Jeanne. (Ela não tinha medo de quebrar as regras da sociedade, mas só quando isso a beneficiava. Ser mãe solteira poderia ter atravancado sua escalada social.) À meia-noite de 6 de junho de 1780, os dois estavam casados e, imediatamente, começaram a se chamar de *comte* e *comtesse* de La Motte, ou seja, conde e condessa. Na verdade, havia alguns nobres La Motte, sem qualquer parentesco com eles, morando em outro canto da França, e Jeanne e Antoine devem ter pensado que poderiam pegar carona na linhagem. Afinal, *finja até virar verdade* sempre fora a política de Jeanne.

Infelizmente, foi impossível fingir a linha do tempo da gravidez. Um mês depois do casamento, Jeanne deu à luz dois meninos gêmeos, que morreram dias depois. Ela mal teve tempo de sentir seu luto. Os recém-casados estavam morando com uma tia de Antoine, que logo se deu conta de que Jeanne engravidara fora do casamento e, escandalizada, os expulsou de casa. De uma hora para a hora, Jeanne e Antoine ficaram sem dinheiro. E sem ter onde morar. E sem apoio. Um pouco de poder também não faria mal.

Em setembro de 1781, Jeanne descobriu que sua antiga benfeitora, a marquesa, estava hospedada com uma pessoa muito importante: Louis de Rohan, que ocupava o altíssimo cargo oficial de *grand veneur* da Casa do Rei de França e era de uma das mais antigas e melhores famílias francesas. *Interessante*, pensou Jeanne. Rohan era cheio de potencial. Era um homem bonito, alto e grisalho de quase cinquenta anos, que gastava dinheiro como se desse em árvore (o que, na França de 1780, não era verdade mesmo). Seus jardins eram gigantescos, seu palácio era a joia daquela zona rural e ele possuía 52 éguas inglesas.



Mas Rohan não era tão elegante por dentro quanto por fora. “Fraco, vaidoso e crédulo até a raiz dos cabelos; tudo menos devoto e louco por mulheres”, escarneceu um historiador. Rohan estava atolado em dívidas, e a própria Maria Antonieta não o suportava. Ser desprezado pela rainha era uma sentença de morte social e profissional — Rohan se convencera de que tal desprezo era o único obstáculo para sua meta de se tornar primeiro-ministro. Então tentava desesperadamente fazer com que a rainha se afeiçoasse — em certa ocasião, chegou a usar um disfarce e entrar de penetra em uma de suas festas —, mas nada funcionou. Ele estava ficando desesperado. Teria dado tudo para que a rainha gostasse dele. *Tudo.*

Quando Jeanne o conheceu, viu um homem consumido por um único e óbvio desejo. Como ela bem sabia, o desejo torna as pessoas indefesas. O desejo é uma rachadura na armadura. Uma oportunidade. Uma portinha implorando para ser atravessada.



Se Jeanne e Rohan dormiram juntos ou não é uma questão aberta para debate, mas fato é que Jeanne o seduziu magistralmente. Sempre que Rohan estava por perto, ela usava seus melhores vestidos e se certificava de que seu perfume dominasse o ambiente. Ela encantava, provocava e elogiava, e ele comprava toda a cena, recompensando-a com presentes generosos e uma promoção para seu marido. Jeanne era tão convincentemente encantadora que chegou até a aplicar um golpe no golpista pessoal de Rohan: um vigarista chamado conde Alessandro di Cagliostro, que morava no palácio de Rohan, contratado como uma espécie de *coach* de vida. Cagliostro era famoso por seu suposto conhecimento do oculto e já cativara muitos parisienses com suas sessões espíritas e poções do amor. Mas, para a felicidade de Jeanne, ele não era bom o suficiente em reconhecer outros de sua laia. Na verdade, enquanto Cagliostro era um charlatão espalhafatoso, Jeanne era uma artista sofisticada. Claro, ele sempre poderia fabricar um “elixir egípcio” ou falar baboseiras pomposas sobre “cargas elétricas” e “maçonarias demoníacas”, mas, no fim das contas, tudo não passava de truques de fumaça e espelhos — às vezes literalmente. A área de expertise de Jeanne



era muito mais impressionante: a eterna vulnerabilidade do coração humano.

Com um novo benfeitor às ordens, o mundo estava da palma da mão de Jeanne. Ela e Antoine alugaram quartos em Paris e Versalhes, e Jeanne começou a fingir que era muito mais rica do que era de verdade. Ela torrava sua pensão em roupas extravagantes. Comprava talheres caros para impressionar os convidados e os penhorava no dia seguinte. Tentava se esgueirar cada vez mais para perto do centro de toda a riqueza: o rei e a rainha da França, que poderiam realizar todos os seus sonhos com apenas um estalar de dedos. Maria Antonieta era famosa por sua generosidade, e Jeanne tinha certeza de que, se tivesse a oportunidade de explicar a ela toda a situação dos Valois, a rainha restauraria a antiga glória a ela e sua família.

O problema era que todo o resto de Versalhes tinha uma missão parecida. Não dava para jogar um tijolo dentro do palácio sem acertar a cabeça de um nobre desesperado por um encontro com a rainha. Por isso, Jeanne precisou ser criativa para atrair a atenção de Maria Antonieta. Começou a vagar sorrateiramente por Versalhes, torcendo para esbarrar “acidentalmente” com a rainha em um de seus muitos corredores. Depois, começou a desmaiar dramaticamente na frente de várias mulheres da nobreza, pensando que comentários sobre a pobre e faminta órfã dos Valois pudesse chegar aos ouvidos impressionáveis da rainha. Nada funcionou. A única coisa que ela ganhou foi a reputação de ser um incômodo — um incômodo estranho e de olhos brilhantes que vivia desmaiando sem motivo.

No início de 1784, Jeanne e Antoine estavam quase falidos, e ela precisou bolar um novo plano. Se Versalhes já era um antro de fofoca, pensou, por que não tirar vantagem disso? Sua estratégia era simples, mas ousadamente genial: Jeanne começou a dizer às pessoas que ela e Maria Antonieta eram amigas. *Melhores* amigas, para ser mais exata. Na verdade, dizia ela, Maria Antonieta se interessara *pessoalmente* por sua situação, e as duas agora trocavam confidências em encontros noturnos secretos.

Para tornar essa narrativa ainda mais crível, Jeanne fez amizade com o guarda dos portões que levavam às terras particulares de Maria



Antonieta em Versalhes, o Petit Trianon. Jeanne passou a se certificar de que as pessoas a vissem se esgueirando para fora dos portões tarde da noite, como se tivesse acabado de tomar um chocolate quente e tido conversas íntimas com sua amiga da realeza. A partir desse ponto, os fofoqueiros assumiram o trabalho pesado. Em pouco tempo, havia nobres visitando a própria Jeanne, implorando-a para usar sua influência sobre a rainha para ajudá-los. Jeanne assentia graciosamente, aceitava o dinheiro que colocavam na palma de sua mão e prometia ver o que podia fazer. Não demorou até que Rohan escutasse o boato e ficasse animado. Que conveniente que sua melhor amiga, Jeanne, estivesse tão próxima de sua futura melhor amiga, Maria Antonieta! Ele implorou que Jeanne pedisse à rainha para lhe dar uma segunda chance.

Como um tubarão faria com um rastro de sangue, Jeanne sentiu o cheiro do desespero de Rohan à distância. Disse que falaria com a rainha, então retornou com a melhor notícia do mundo: Maria Antonieta estava aberta à reconciliação. Inclusive, queria que Rohan lhe mandasse uma carta...



As cartas que começaram a voar entre Cardeal Rohan e “a rainha” eram calorosas, amigáveis e um pouco sexuais. (Há boatos de que ele a chamava de “mestra” e se referia a si mesmo como “escravo”.) Às vezes, a rainha lhe escrevia em papéis com margens estampadas de flores azuis, outras, em papéis adornados com fios de ouro. Suas cartas frequentemente mencionavam, sem preâmbulos, que Rohan deveria dar um presentinho a Jeanne como agradecimento por ter reunidos os dois. Rohan obedecia, com imensa alegria. Em pouco tempo, ele começou a implorar à rainha para que pudesse visitá-la, mas Maria Antonieta continuava respondendo que não era o momento certo... ainda.

Rohan morreria de vergonha se descobrisse que as cartas não eram escritas por Maria Antonieta, mas por um soldado desonesto com forte apreço por caligrafia. Jeanne estava mancomunada com o sujeito, um velho amigo do marido, do exército. Rétaux de Villette era tanto seu amante quanto seu falsificador oficial. Jeanne ditava os textos para Villette, que os escrevia obedientemente e assinava com um floreio. A



letra não era nada parecida com a da rainha, mas Rohan estava extasiado demais para notar.

Por um tempo, as cartas saciaram Rohan, mas Jeanne não conseguiria enrolá-lo para sempre respondendo *agora não, querido*. Ele insistiu com tanta veemência para se encontrar com a rainha pessoalmente que Jeanne percebeu que precisaria criar uma rainha. Então, mandou o marido zanzar pelas ruas à caça de alguém que pudesse se passar por Maria Antonieta, e Beugnot voltou com uma bela e ingênua prostituta chamada Nicole le Guay. Jeanne disse a Nicole que era amiga da rainha e que esta queria que Nicole lhe fizesse um favor em troca de uma pequena recompensa. Feito isso, Jeanne disse a Rohan que a rainha o encontraria à meia-noite, nos Jardins de Versalhes, onde ela lhe entregaria uma única rosa. O esquema todo era dolorosamente erótico: a escuridão da noite, o sigilo, a flor e tudo o que isso poderia significar. Rohan estava nas nuvens.

Quando a fatídica noite chegou, Jeanne se escondeu nos arbustos e observou. Uma Nicole muito nervosa segurava a rosa com força, trêmula em seu vestido branco bufante de modelagem *gaulle* — exatamente o tipo de vestido de verão ligeiramente escandaloso que Maria Antonieta adorava usar. Estava escuro quando Rohan entrou no jardim e, avançando pelo breu, logo avistou a leve silhueta de uma mulher de branco. Ela lhe entregou a rosa, e ele teve bastante certeza de ouvi-la dizer: “Pode acreditar que o passado será esquecido.” A coisa toda foi um borrão glorioso e que acabou rápido demais, porque subitamente Jeanne apareceu ao seu lado dizendo que eles precisavam ir embora antes que fossem descobertos.

Foi a ilusão do século. Nicole realmente se parecia com a rainha, ainda mais no escuro, e Rohan ficou tão exultante que foi para casa e nomeou um dos passeios de seu palácio de verão de “Esplanada da Rosa”. E Jeanne? Jeanne estava no auge. Um vigarista profissional como Cagliostro podia usar velas e lenços para conjurar visões, mas a pequena Jeanne de lugar nenhum acabara de conjurar a própria rainha da França. Ela era poderosa agora, aos olhos de Rohan, e fez uso desse poder. Nas cartas, “a rainha” começou a pedir emprestadas quantias cada vez maiores de dinheiro, o que Rohan acatava alegremente. Jeanne pegou o



dinheiro e se presenteou com uma casa de campo na vila onde cresceu. Sempre que estava lá, vestia seus melhores vestidos e organizava jantares luxuosos. *Olhem para mim*, parecia dizer aos locais que a conheceram quando era apenas uma criança magricela, selvagem e eternamente faminta. *Eu disse que era especial.*



Graças às fofocas de Versalhes, o rumor sobre a amizade entre Jeanne e a rainha acabou chegando aos joalheiros reais, que ficaram de orelha em pé. Talvez *eles* não conseguissem convencer Maria Antonieta a comprar uma joia cara e chamativa, mas a *melhor amiga* de Maria Antonieta conseguiria. Então, certo dia, os dois levaram o colar para Jeanne e perguntaram se ela, com toda a bondade de seu coração, poderia arrumar um tempo para ajudá-los a vender aquela maldição.

Jeanne olhou para o colar: a coisa mais linda e pesada do mundo. Viu os diamantes perfeitamente redondos, vindos de todos os cantos do mundo. Os lacinhos decorativos, uma tentativa desesperada de suavizar o terrível peso da joia. Os diamantes gigantescos em formato de lágrimas no centro, tão formidáveis e inescrutáveis quanto o coração de uma rainha. Marquesas, e cardeais, e golpistas foram facilmente enganados por ela. Mas aquilo? Aquilo era um desafio digno de seu intelecto, sua coragem, seu sangue Valois. Então Jeanne concordou em ajudá-los.

Em pouquíssimo tempo, as cartas de “Maria Antonieta” para Rohan começaram a insinuar que ela gostaria muito da ajuda dele em um assunto delicado. Era, em suas palavras, “uma negociação secreta de interesse pessoal e que me recuso a confidenciar a qualquer um exceto você”. Rohan precisaria ser *extremamente* discreto porque, bem, havia esse colar, e por mais que ela não pudesse se envolver *abertamente* na compra, a joia era tão *bela*, tão adequada ao seu longo pescoço, que ela *precisava* tê-la. Rohan poderia ser um anjo e providenciar a compra? Ela o pagaria de volta, é claro. Um dia.

De alguma forma, o pedido não pareceu suspeito a Rohan, provavelmente porque a Maria Antonieta de verdade era conhecida por acumular enormes dívidas. O problema era que o próprio Rohan estava afundado em dívidas e o colar era excepcionalmente caro. Desse modo,



ele visitou os joalheiros e negociou um desconto e um plano de pagamento: 1 milhão e 600 mil libras francesas, a serem pagas em quatro parcelas. Os joalheiros sentiram que não seria necessário um contrato — quem precisa de contrato quando a compradora é a rainha? —, mas Rohan insistiu. Jeanne então fingiu entregar um contrato à rainha e o devolveu com um *Marie Antoinette de France* rabiscado no rodapé. Foi um erro amador — a rainha assinava apenas como *Marie Antoinette* —, mas todo mundo estava empolgado demais para notar. E assim, depois de treze anos de agonia, o colar foi vendido.

Rohan levou a joia até o apartamento de Jeanne, que prometeu entregá-lo à rainha assim que possível. Mas, quando Jeanne e o marido ficaram sozinhos com a peça brilhante, pegaram uma faca... e começaram a destrinchá-lo.

Durante os dias que se seguiram, Rohan e os joalheiros esperaram ansiosamente. Toda vez que Maria Antonieta aparecia em público, os três entravam em pânico. Por que ela não estava usando o colar? Por que sequer sorria para eles de forma sugestiva? Boehmer enviou uma carta melosa, dizendo a ela como estava feliz com o fato de que o colar estava prestes a ser “usado pela maior e melhor rainha de todas”, mas de nada adiantou. (Maria Antonieta não fazia ideia do que ele estava falando e comentou com sua aia: “Esse homem nasceu para ser meu tormento, ele sempre tem algum plano maluco na cabeça.”) Finalmente, Jeanne tranquilizou os homens, dizendo que a rainha apenas não se sentia confortável para usar o colar até que tivesse terminado de pagar por ele, em especial devido à situação de endividamento do país. Então, os homens se resignaram a esperar, enquanto Jeanne enviava o marido a Londres com uma bolsa de diamantes avulsos para vender.

Nesse ínterim, as pessoas começaram a notar que Jeanne estava muito mais rica do que antes. Seus vestidos eram melhores, ela comprava objetos absurdamente extravagantes como um pássaro mecânico que sabia voar de verdade, e sua carruagem tinha o formato de um balão de ar quente. (Balões de ar quente estavam muito em alta na época. Um jornal chamou o fenômeno de “febre do balão”.) Na verdade, ela estava torrando mais dinheiro do que a maioria dos nobres franceses gastava em um ano, por mais que tentasse dar a desculpa de que havia, hum,



*image  
not  
available*



metamemória sobre seu livro de memórias, intitulado “Um discurso ao público explicando os motivos que até o momento atrasaram a publicação das memórias da condessa de Valois de la Motte”. Seu livro de memórias de fato era abarrotado de palavras furiosas em letras maiúsculas, itálicos dramáticos e declarações grandiosas de sua própria inocência — exemplo: “O público em algum momento precisa se pronunciar entre SUA MAJESTADE e o átomo que ela esmagou”.

Jeanne não era átomo nenhum, mas também estava longe de ser invencível. Em agosto de 1791, aos 34 anos, foi visitada por homens que a assustaram tanto que ela chegou a pular de uma janela para fugir. Os jornais reportaram que os visitantes eram meirinhos que tinham ido prendê-la por um pequeno débito, talvez ligado às apostas do marido. O marido dela diz, no livro de memórias *dele*, que Jeanne achou que os visitantes tivessem sido mandados pela rainha para arrastá-la de volta à prisão. Fossem quem fossem, Jeanne fugiu em pânico... e sua aterrissagem no concreto causou-lhe uma fratura exposta na perna, um braço quebrado e um olho arrancado da cabeça. Ela nunca se recuperou. Dois meses depois, os jornais locais anunciaram: “A conhecida condessa de la Motte, de *Memórias do colar*, e que mais tarde pulou de uma janela do segundo andar para fugir dos meirinhos, morreu na última terça-feira à noite, às 23 horas, em seu alojamento, próximo à Astley’s Riding School”.

Assim como em seu nascimento, as circunstâncias de sua morte foram tristes e inglórias, mas ao menos os jornais usaram o título que ela se dera no dia do casamento: *condessa*.



A Revolução Francesa começou em 1789, três anos depois do julgamento de Jeanne e dois anos antes de sua morte. Cabeças aristocráticas começaram a rolar, intelectuais contemporâneos como Johann Wolfgang von Goethe e Edmund Burke analisaram longa e friamente o esquema de Jeanne e concluíram que toda a questão com os diamantes havia desempenhado um papel importante na derrubada da monarquia. (Assim como aconteceu com Maria Antonieta, a reputação de Jeanne teve altos e baixos ao longo dos anos; depois da Revolução, estudiosos passaram a minimizar sua participação, mas, nos anos 1980, começaram a notá-la de



*image  
not  
available*



*dinheiro*. Um farmacêutico vendia garrafas de “Tônico para os nervos Cassie Chadwick”, criado para proporcionar ao comprador a mente equilibrada, as mãos firmes e os nervos de aço da tal. Cassie era a prova de que mesmo a mulher mais comum poderia se tornar alguém verdadeiramente memorável se apenas blefasse bem o suficiente. Quem não gostaria de engarrafar seu incrível espírito e bebê-lo de um gole só?

Cassie Chadwick nascera Elizabeth Bigley em 1857, em uma pequena vila canadense perto de Woodstock, Ontario. Tinha seis irmãos e pais pobres que nunca aprenderam a ler. Tinha problemas de audição, língua presa e o estranho hábito de ficar olhando para o nada por horas a fio. Não tinha dote, herança ou esperança no futuro. Mas, do seu próprio jeitinho esquisito, era inteligente. Era determinada. E, mesmo que estivesse longe de ser uma beldade, tinha um atributo sobre o qual as pessoas comentariam por décadas: os olhos. Eram olhos que pareciam ter um estranho poder próprio, e quando ela encarava alguém... especialmente um homem... especialmente um *banqueiro*... esse alguém com frequência sentia os joelhos fraquejarem.

Desde nova, era óbvio que Cassie — ou “Betty”, como era conhecida naquela época — gostava das coisas boas da vida. Seu pai nunca pôde comprar as roupas e joias que ela desejava, então, ela concluiu que precisaria arranjar o dinheiro para comprá-las por conta própria. Esse desejo por dinheiro virou um dos princípios centrais de sua personalidade; um anseio determinante, uma obsessão. Décadas depois, quando Cassie estava famosa e morta, sua irmã se recusaria a falar com os repórteres, exceto para dizer que Cassie “estivera possuída desde criança por uma fixação por ficar muito rica, muito rápido”.

Havia o jeito antigo e tradicional de obter riqueza — trabalhar com afinco por muito tempo e torcer para ser recompensado algum dia —, mas também havia jeitos mais novos, rápidos e modernos. E Cassie, acima de tudo, era uma mulher moderna. Aos 21 anos, ela entrou calmamente em uma barbearia e pediu para o barbeiro cortar todo seu cabelo, um pedido incomum para uma jovem daquela época. O homem obedeceu, mas ficou nervoso quando ela pediu um bigode falso e, quando ela sacou o relógio de ouro do pai e tentou penhorá-lo em troca do bigode, ele se perguntou o que aquela estranha jovem poderia estar tramando, entrou em pânico e



*image  
not  
available*



no cotovelo direito. A descrição, acompanhada de uma foto de rosto, não passava de algumas folhas de papel enfiadas em uma gaveta em algum canto. Mas documentos — como Cassie bem sabia — frequentemente eram muito mais importantes do que pareciam à primeira vista. Agora, independentemente de onde ela fosse, em Ohio sempre existiria um arquivinho perigoso contendo seu rosto.



De volta a Cleveland, Cassie estava livre e solteira e pronta para sossegar de vez. E não demorou até ela conhecer seu tipo favorito de homem: abastado, bem-intencionado e suscetível a um par de olhos fascinantes.

As pessoas discordam sobre como exatamente Cassie conheceu o dr. Leroy S. Chadwick, o viúvo. As lendas mais lascivas dizem que foi em seu bordel de Cleveland. Dr. Chadwick, no entanto, sempre insistiu que Cassie não o seduziu. Ele tinha um problema incômodo com a perna, segundo o próprio, e Cassie sugeriu que tentasse uma massagem. Depois de seguir seu conselho e encontrar alívio, Chadwick também descobriu que estava se apaixonando por ela. Seja como for, os Chadwick eram uma das famílias mais respeitáveis de Cleveland, então, todos ficaram chocados quando, em 1896, Leroy apareceu de repente com uma noiva novinha em folha. Quem diabo era, tal Cassie? O que Leroy via nela? Uma mulher de quase quarenta anos, um tanto sem graça. As fofocas locais simplesmente não conseguiam identificar qual era seu apelo; bem, exceto por seus olhos. Todos concordavam sobre os olhos.

Se Cassie sonhara com riqueza na juventude, agora, ela estava oficialmente vivendo seu sonho. O dr. Chadwick tinha rios de dinheiro e não parecia se importar que Cassie o gastasse insanamente. Então, com uma aliança do dedo e um sobrenome chique, ela foi às compras. Comprou um órgão de tubos gigantesco para sua sala de música. Comprou um conjunto de cadeiras douradas que cantava quando os convidados se sentavam. Comprou pratos de prata decorados com rubis. Comprou esmeraldas, pele de arminho, noventa pares de luvas, gastou 1.200 dólares em lenços. Outras damas compravam joias por peça, mas ela comprava a bandeja inteira. Os comerciantes de Cleveland passaram a amar ver Cassie e seus serventes se aproximando pela rua. Ela usava fios e mais fios de



*image  
not  
available*



Esse banqueiro ingênuo e galanteador se chamava Iri Reynolds, e um dia Cassie lhe perguntou se poderia guardar um pacote em seu cofre no banco. Ela chegou até a mostrar o conteúdo do pacote: uma pilha de notas e contratos assinados por “Andrew Carnegie”, todos demonstrando que ela valia milhões e milhões de dólares. Sob o olhar de Reynolds, Cassie guardou a papelada em um envelope, selou-o com cera, colocou o envelope no cofre, então entregou a ele uma lista de tudo contido lá dentro.

Mais tarde naquele dia, Reynolds recebeu uma ligação agitada de Cassie. Ela tinha se esquecido de fazer uma cópia da lista para si! Será que ele se importaria muito em lhe mandar uma cópia da cópia *dele*? Reynolds ficou feliz em ajudar. Ele copiou a lista dos ativos de Cassie em um papel oficial do banco e assinou. E, simples assim, Cassie tinha uma *prova* de que valia milhões e milhões de dólares. Estava em posse de uma lista de seus ativos falsos escrita em um papel verdadeiro do banco, com uma assinatura verdadeira de um banqueiro. Era a sua carta branca para entrar em qualquer banco dos Estados Unidos e pegar um empréstimo gigantesco. Era o melhor documento com aparência oficial de todos os tempos porque, pela primeira vez, ele *era* oficial. Seus ativos como uma Carnegie eram imaginários, mas ela os tinha transformado em algo tangível usando seu melhor atributo: a audácia.



A única grande falha no plano de Cassie era que ele não poderia durar para sempre. O Banqueiro A em algum momento iria querer seu empréstimo de volta, então, ela precisaria roubar do Banqueiro B para pagá-lo, aí, quando o Banqueiro B quisesse o dinheiro *dele* de volta, ela teria que fazer uma visita ao Banqueiro C. A boa notícia era que ela era excelente nesse tipo de joguinho. A má notícia era que um de seus banqueiros estava começando a ceder.

Esse banqueiro em particular era um velhinho simpático chamado Charles T. Beckwith, presidente do Citizens National Bank of Oberlin. Ele confiava totalmente em Cassie. Não havia mais ninguém em todo o país mais convencido de que ela era de fato filha de Andrew Carnegie. Mas Beckwith emprestara milhares e milhares e *milhares* de dólares para Cassie e, a cada mês que se passava, ele não ficava nem um pouco mais perto de ser pago. Sua maravilhosa amiga sempre tinha uma desculpa para o



*image  
not  
available*



*image  
not  
available*



“Eu olhei fixamente para aqueles olhos hipnóticos”, escreveu Kit, “e posso dizer com toda honestidade que, naquele encontro, me pareceram maravilhosamente belos, maravilhosamente meigos, às vezes investigativos, outras apelativos, e é esse apelo dos grandes olhos castanhos que hipnotizam... se é que a palavra se aplica. Consigo imaginar com facilidade qualquer pessoa minimamente impressionável sendo afetada por esse tom apelativo que de tempos em tempos surgia nos olhos de Cassie L. Chadwick.” De modo geral, Kit saiu da entrevista convencida de que Cassie era dona de um grande — embora criminoso — talento. Ela comparou as sobrancelhas de Cassie com “as de um inventor, um músico, um financista”.

Cassie até poderia ter a habilidade de um inventor, um músico ou um financista, mas, na prisão e no tribunal, continuou desempenhando o papel de esposa rica e injustiçada. Logo depois de ser presa, divulgou uma declaração arrogante: “Chegará o momento em que essas pessoas verão que fui muito caluniada e perseguida. Quando penso pelo que passei nas últimas semanas, me pergunto como não enlouqueci”. No julgamento, ela se certificou de desmaiar várias vezes, como se para indicar que o processo todo era devastador demais para sua compleição delicada e inocente. Em dado momento, ela alegou que sentia tamanha câimbra no braço direito que não conseguia mais mexê-lo; algumas horas mais tarde, ela já teria se esquecido totalmente disso e começaria a acenar com o mesmo braço.

O próprio Andrew Carnegie compareceu ao julgamento, o que deve ter sido muito estranho para Cassie. No entanto, não estava tão furioso quanto algumas pessoas esperavam que estivesse; não tinha intenção de abrir queixa contra ela e disse a jornalistas que a trapaça toda só provava como seu crédito era bom. (“Você não ficaria satisfeito em saber que alguém conseguiu 2 milhões de dólares simplesmente assinando seu nome em um pedaço de papel?”, comentou com uma risadinha.) Carnegie não perdera um único dólar por causa de Cassie, é claro, mas suas outras vítimas, sim, e nenhuma delas estava dando risadinhas. Apenas doze se pronunciaram, mas muita gente suspeitava de que Cassie tivesse enganado mais homens e que eles simplesmente estariam envergonhados demais para admitir que tinham levado um golpe de uma mulher sem instrução de uma cidadezinha do Canadá. “Sem dúvida, [Cassie] permitiu e contou com isso”, escreveu um jornalista. “Nunca saberemos quanto dinheiro ela pegou emprestado.” Ninguém nunca descobriu onde esse dinheiro foi parar também. Um boato



*image  
not  
available*



dele. Lá, descobriu que os convidados eram muito de seu gosto. Estava cercada de atletas olímpicos — vitoriosos, festeiros e belos — e, durante a cerimônia, se viu sentada ao lado de um particularmente satisfatório.

O vizinho de assento era um ginasta sexy chamado Xiao Qin, radiante pelo sucesso depois de conquistar duas medalhas de ouro para seu país. Ele era tão bom no cavalo com alças que as pessoas o chamavam de “Deus do Pônei”. Suas vitórias recentes tinham sido especialmente saborosas, já que era esperado que Xiao Qin levasse o ouro nas Olimpíadas de 2004, mas ele perdera a chance ao tropeçar durante a primeira etapa da competição. Em Pequim, depois de vencer, ele bradou: “Mereço umas férias!”.

Wang Ti olhou para Xiao Qin — agora de férias — e gostou do que viu. Encará-lo era como ver o sol em um dia sem poluição, se o sol tivesse bíceps torneados e maçãs do rosto deslumbrantemente proeminentes. Xiao Qin olhou para Wang Ti e também gostou do que viu. Quem não gostaria de se sentar de frente para uma bela garota em uma festa de casamento, radiante pelo sucesso (e talvez por uma ou duas taças de champanhe), sentindo o calor daquele olhar sobre si? Era uma época idílica para ele; era adorado pelo país e considerado deslumbrante por mulheres de todo canto. Ele pediu o telefone de Wang Ti.

Três dias depois, Wang Ti estava em um karaokê com suas amigas quando Xiao Qin apareceu. Os dois bateram papo, flertaram. Ele tentou segurar a mão dela por baixo da mesa. “Nós dois tínhamos bebido um pouco”, contaria ela mais tarde, “e eu o achava bonito, então deixei.” Wang Ti disse que estava tendo problemas no casamento, e Xiao Qin escutou, empático. Ela se viu deslumbrada pela forma como o Deus do Pônei se movia pelo mundo. Ficou especialmente impressionada no final da noite, quando ele chamou um carro blindado para buscá-lo. Começaram a se ver mais e mais. Chegou um momento em que ele a levou para uma concessionária da BMW e perguntou que cor de carro ela preferia. *Vermelho*, disse ela. Ele respondeu: “Então aquele vermelho vai ser seu”.

Claramente, Xiao Qin era um homem que não se comparava ao péssimo jogador de futebol que ela deixara em Dalian. Era um homem



*image  
not  
available*



de que precisaria encontrar uma nova fonte de renda — e depressa, antes que Xiao Qin exigisse outro carro.

No meio-tempo, Wang Ti continuava cercada de todos os lados por uma opulência de outro mundo. Quando sua amiga Yang Yun finalmente se casou com o noivo ginasta, a coisa toda foi tão extravagante que atraiu críticas da imprensa. Do lado de fora do evento, as pessoas morriam de fome, mas dentro havia bolo, champanhe, fogos de artifício, um vestido feito de ouro de verdade. Para Wang Ti, comparecer àquele casamento — como amiga próxima da noiva, além do mais! — deve ter sido como estar em um conto de fadas. O ar que seus amigos respiravam era literalmente melhor do que o da maioria de seus conterrâneos. Agora que ela sabia qual era a sensação de estar tão perto do coração pulsante da riqueza chinesa, como poderia abrir mão de tudo?

Então, um dia, Wang Ti casualmente comentou com a amiga recém-casada que sabia de um pequeno apartamento disponível em uma vizinhança *muito* boa, e que ficaria feliz em negociar sua venda por uma fração do que o lugar de fato valia. Yang Yun reconhecia uma boa oportunidade de investimento quando via uma — ou assim pensava —, então deu a Wang Ti um pesado bolo de dinheiro em troca das chaves. O apartamento ainda não estava disponível, mas Wang Ti garantiu à amiga que o processo de compra e venda de propriedades como aquela era sempre muito lento. Havia papelada para preencher, a transferência de titularidade era demorada; detalhes entediante, nada com que se preocupar. Felizmente, Yang Yun não se incomodou com a espera. Na verdade, o negócio era tão bom que ela resolveu comprar uma segunda propriedade de Wang Ti, e então uma terceira.

Aí estava o novo esquema de Wang Ti para fazer dinheiro, e era terrivelmente simples. Ela dizia aos amigos que suas conexões de *princeling* permitiam que arranjassem carros de última linha e propriedades a preço de custo, então ela “vendia” para eles os carros e as propriedades, que ela não possuía — apenas alugava. Os amigos pagavam Wang Ti, que por sua vez continuava a pagar o aluguel aos verdadeiros proprietários por trás dos panos.

É claro, havia alguns momentos estranhos — como quando uma de suas vítimas notou que uma das “propriedades” de Wang Ti estava



*image  
not  
available*



Os Estados Unidos certamente têm uma rica história de trapanças, mas há um quê de solipsismo na insistência da imprensa americana em tomar o fenômeno dos golpes para si. Qual é a diferença entre Wang Ti pendurando sua Louis Vuitton e Anna Sorokin afivelando sua Gucci? Ambas eram mulheres espertas e ambiciosas, que mentiram a fim de adentrar espaços nos quais, de outro modo, nunca seriam aceitas. Ambas sabiam o poder de uma bolsa cara, mas seu real poder ia muito além de uma familiaridade com nomes de grifes. As duas tinham uma sinistra consciência dos pontos fracos dos endinheirados: a ganância, a superficialidade, a recusa a questionar a narrativa de alguém que afirma ser *alguém*. E, é claro, ambas foram presas por isso. (Dando a ela seu crédito, Wang Ti era uma golpista melhor: ela fez trinta vezes mais dinheiro do que Sorokin, e sua sentença acabou sendo muito mais dura.)

Sim, era possível interpretar ambas como metáforas de seus países — Anna Sorokin como o Sonho Americano que descamba para a criminalidade, Wang Ti como o produto da obsessão chinesa por carros estrangeiros e *princelings* —, mas, no fim das contas, as duas eram representantes não de um desejo específico de um país, mas do desejo humano de maneira geral. Eram espelhos nada lisonjeiros de todos nós. Refletiam nossa necessidade de escalar a hierarquia social, nossa ânsia por ser adorado por pessoas importantes, nosso desespero por ser visto como *alguém*. Enquanto Wang Ti e Anna Sorokin mentiam sobre sua riqueza e vestiam suas armaduras de grife, elas infringiam a lei, mas, ao mesmo tempo, obedeciam a um ímpeto profundo e universal que desconhece barreiras.



A prisão de Wang Ti aconteceu em Dalian, sua antiga cidade natal. Uma de suas vítimas foi à polícia e, em março de 2011, os agentes foram buscá-la. (Sua cúmplice, Zhu Shuangshuang, fora presa no mês anterior.) Quando o julgamento de Wang Ti começou, os números expostos eram alarmantes: ela era acusada de roubar 60 milhões de yuans (mais ou menos 8,5 milhões de dólares) de 27 vítimas, a maioria extremamente famosa.